



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da ampliação do Centro de Pesquisas e
Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello (Cenpes)**

Rio de Janeiro-RJ, 07 de outubro de 2010

Meu caro... Companheiros e companheiras. Tem um frio aqui, gente, que, pelo amor de Deus, parece que eu estou na Sibéria.

Meu caro companheiro Sergio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu caro Luiz Dulci, ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu querido companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Marcelo Crivella, senador reeleito da República Federativa do Brasil,

Companheiros deputados Jandira Feghali, companheiro Jorge Bittar e Miro Teixeira,

Meu caro companheiro Eduardo Paes, prefeito da cidade do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Magnífico Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Aloísio Teixeira. Já tirei fotografia com a sua secretária, e ela agora vai poder comparar quem é mais bonito, se sou eu ou o Chávez, e ela vai escolher qual a fotografia que vai na cabeceira, assim.

Meu querido companheiro Haroldo Lima, diretor-geral da Agência Nacional de Petróleo,

Meu querido companheiro José Sergio Gabrielli, nosso querido presidente da Petrobras,

Meus queridos companheiros diretores da Petrobras, companheiro



Renato Duque, companheiro Paulo Roberto, companheiro Guilherme Estrella, companheiro Almir Barbassa. Esse é importante citar, que ele é da área financeira da Petrobras, é cara que dá aumento, é o cara que tira aumento, é o cara que...

Companheira Maria das Graças Foster, nossa companheira diretora de Gás e Energia,

Companheiro presidente da Petrobras Distribuidora, companheiro Lima.

Companheiro da Transpetro, Sérgio Machado,

Companheiro da Petrobras Biocombustível, Miguel Rossetto,

Companheiro Carlos Fraga, gerente executivo do Cenpes,

Companheiro Augusto Chagas, presidente da UNE, que não está aqui presente. Se está aqui presente, eu não tinha visto.

Companheiro Moraes, coordenador-geral da Federação Única dos Petroleiros,

E companheiro Fernando Castelhões, por meio de quem cumprimento todos os companheiros aqui do Cenpes,

Minhas companheiras,

Meus companheiros,

Senhora Ana Paula Fragomeni, Senhor Carlos Pessoa Borges e senhor André Miguez de Mello, familiares de Antônio Sérgio Pizarro Fragomeni, Antônio Seabra Moggi e Leopoldo Américo Miguez de Mello,

Amigos da imprensa,

Amigos do Cenpes,

Amigos da Petrobras,

Amigos empresários,

Amigos flamenguistas, vascaínos, corintianos, fluminenses,

Trabalhadores do Cenpes,

Companheiros pesquisadores,

Trabalhadores da Petrobras,



Meus amigos e minhas amigas,
Operários e operárias,
Companheiros e companheiras,

Hoje é mais um dia especial que eu vivo no exercício do mandato de Presidente da República do meu país. Nós estamos vivendo uma fase em que nós estamos colhendo aquilo que foi plantado há algum tempo. E como nós plantamos esperança, nós estamos colhendo agora coisas muito importantes para o futuro do Brasil.

Eu queria lembrar a vocês, porque este ato aqui está dividido, nós acabamos de fazer um ato em que essas coisas foram faladas mais para pesquisadores de várias instituições de pesquisa e aqui é mais para gente do Cnpes e gente da Petrobras e trabalhadores das indústrias que trabalharam aqui, que nós tomamos uma decisão, há algum tempo, que nos permite fazer uma colheita muito boa neste final de mandato. A primeira coisa que nós plantamos quando eu cheguei à Presidência da República, em 2003, foi a proibição de utilizar a palavra “gasto” com investimento em Educação. Eu, nós íamos à uma reunião ministerial, e cada vez que a gente discutia qualquer investimento na área da Educação, a palavra que a gente ouvia era que a gente não poderia gastar em Educação porque tinha outros setores que precisavam de dinheiro e que, portanto, nós tínhamos compromissos, era preciso cuidar da estabilidade econômica, era preciso fazer ajuste fiscal, era preciso olhar as contas porque o FMI estava de olho e que, portanto, a gente não poderia fazer o que tinha de fazer na Educação. Então, nós mudamos essa palavra “gasto” pela palavra “investimento”. O resultado disso é que, quando eu cheguei à Presidência da República, o orçamento do Ministério da Educação era um pouco menos de R\$ 20 bilhões, era 19 bilhões e alguma coisa. E este ano, o orçamento do Ministério da Educação é nada mais nada menos do que



R\$ 70 bilhões. Ou seja, algumas vezes mais aquilo que era investido na Educação.

Mas também, como diz o companheiro Sergio Rezende, na Ciência e Tecnologia, eu fiz um desafio ao Ministério e o Ministério me apresentou uma proposta que nós chamávamos de PAC da Ciência e Tecnologia e essa proposta foi construída sob a coordenação do Ministro Sergio Rezende, mas com a participação de cientistas e pesquisadores do Brasil inteiro, das universidades, da SBPC e de instituições privadas. A ponto de nós fazermos uma proposta de Ciência e Tecnologia, que todo mundo tinha, por unanimidade a convicção de que não era do governo. Porque... o que acontecia quando a proposta era do ministro? Se a proposta fosse do ministro, e o ministro caísse, o outro que entrasse, iria fazer uma nova proposta. Se ele caísse também, entraria outro, e iria ter uma nova proposta. Terminava que o país não teria, nunca, uma proposta de Ciência e Tecnologia.

Pois bem, essa proposta nossa do PAC, que colocou R\$ 41 bilhões para a Ciência e Tecnologia, foi feita pela comunidade científica, foi executada pelo Ministério, mas sobre o controle da comunidade científica, e nós vamos terminar o mandato, orgulhosamente, o Sergio Rezende podendo anunciar, ao mundo e ao Brasil, que nós gastamos cada centavo dos 41 bilhões determinados para a área de Ciência e Tecnologia.

Bem, não é apenas isso que aconteceu e que a gente vai colher agora neste país. Nós estamos aqui inaugurando um centro. Um centro... este microfone aqui está... agora melhorou. Um centro, meu querido Eduardo Paes, meu querido Pezão, este Centro aqui dá a você, como prefeito do Rio de Janeiro, e ao Pezão, como governador em exercício há meia hora, dá a vocês o direito de dizerem ao mundo que o Rio de Janeiro é uma cidade e um estado tecnológico, porque aqui é o maior centro de pesquisa da Petrobras, é o maior centro de pesquisa de petróleo no mundo, do hemisfério sul eu sei que é. Mas acho que tem pouca gente no mundo com laboratório de pesquisa com instituto



de pesquisa como este Cenpes aqui. Ou seja, uma coisa feita com investimento de R\$ 1,2 bilhão, 227 laboratórios, não sei quanto milhares de pesquisadores. O dado concreto é que a Petrobras... ela já vem com uma coisa importante: no dia 24 deste mês... do mês passado, lá na bolsa de valores, em São Paulo, eu tive o orgulho, o orgulho, meu caro magnífico reitor, eu tive o orgulho, um peão metalúrgico, Presidente da República, de participar da maior capitalização já feita na história da humanidade, já feita na história do capitalismo, Léo, eu tive o prazer de ser Presidente na hora em que nós fizemos a maior capitalização do mundo, e essa capitalização elevou o valor da Petrobras, que era apenas o valor de mercado de R\$ 15 bilhões, em 2003, para R\$ 220 bilhões, em 2010... dólares! Reais, não. Dólares!

Pois bem, isso transformou a Petrobras na segunda empresa de petróleo do mundo, só perdendo para a Esso, até agora. Porque o Estrella já está prometendo mais pré-sal. O Estrella disse que depois do pré-sal veio esse petróleo e depois, aprofundando um pouco mais, vai vir um japonêsinho, porque de tamanha profundidade só pode vir um japonêsinho, um chinês, um coreano, ou qualquer outra coisa... Mas, se tiver, nós vamos buscá-lo.

Pois bem, esta empresa chegou ao nível que chegou porque a sua diretoria teve uma visão de futuro que vem, há muito tempo, que teve uma certa paralisia, porque houve um tempo em que a Petrobras parou de investir em pesquisa, diminuiu o investimento em pesquisa, teve um tempo em que a Petrobras não se sentia grande, teve um tempo em que a Petrobras achou que “bom, nós estamos pegando aí 1,6 mil barris diários, está bom. Vamos manter isso aí”. Quando, na verdade, a Petrobras quando resolveu ousar, quando resolveu competir e quando resolveu se comportar como uma empresa de primeira grandeza, ela deu, em oito anos, salto de qualidade que algumas empresas demoraram décadas e décadas, e não conseguiram dar . Esta empresa tinha, não por conta desta diretoria que está aqui, mas por conta de outras diretorias, tinha definido, em momentos passados, que nós não



tínhamos nenhuma vantagem em fazer plataformas aqui, no Brasil, ou fazer navio aqui, no Brasil, que a gente deveria comprar tudo fora, que era mais barato. Às vezes, a Petrobras ganhava US\$ 100 milhões, US\$ 150 milhões na compra de um navio lá em Cingapura, de um navio sonda, ou de uma plataforma.

Pois bem, a pergunta que nós fazíamos, na época, era se compensava a Petrobras ganhar 100 milhões e a gente matar a engenharia da indústria petrolífera deste país, ou matar a engenharia da indústria naval. Eu perguntava, a mim mesmo, e foi motivo de muitas conversas com vários companheiros da Petrobras. Eu perguntava, a mim mesmo, se valia a pena a gente ganhar 100 milhões na importação de uma plataforma e ver milhões de trabalhadores desempregados neste país, ou milhares de trabalhadores sem oportunidade de trabalhar e levar comida para casa. E nós tomamos a decisão: a Petrobras vai pagar um pouquinho mais caro, vai ter componente nacional, mas o povo brasileiro vai sorrir mais, vai trabalhar mais, vai ganhar mais e vai virar mais cidadão.

Hoje, hoje eu tenho a convicção, eu tenho a convicção... Se eu tivesse que morrer agora, eu tenho certeza de que eu morreria tranquilo, porque valeu a pena a gente acreditar no fortalecimento da indústria nacional, na formação de mão de obra nacional, na geração de emprego e na geração de renda, neste país.

Eu vou contar para vocês uma coisa: quando eu assumi a Presidência, em 2003, eu queria trocar um companheiro da Agência Nacional de Petróleo, eu queria trocar. Foi a primeira vez, Estrella, que eu ouvi o seguinte argumento: “Presidente Lula, o senhor vai trocar tal pessoa da Agência?”. Eu falei: “Vou”. E a pessoa me disse: “O mercado não vai gostar”. Foi a primeira vez que eu ouvi dizer que o mercado não ia gostar se eu trocasse um diretor de uma agência. E eu fiquei me perguntando: esse mercado votou em mim? Esse mercado tem título de eleitor? Se esse mercado nunca conversou comigo e eu fui eleito



presidente da República, como é que eu não posso trocar um diretor de uma agência?

Aí, era um sábado... eu vou contar isso, porque é hilariante. No final do mandato, a gente pode... era um sábado, eu descobri que o tal diretor da Agência estava de férias. Mesmo assim, eu mandei chamá-lo. Mande chamá-lo, levei no meu gabinete e falei: “Companheiro...” Me apresentei para ele: “Eu sou o presidente da República, você é o mercado ou, pelo menos ele tinha nome, não era mercado, ele tinha nome. Se apresentou para mim, e veja o que ele me disse: “Olha, Presidente, tudo o que eu sou na vida, eu devo ao Estado Brasileiro, foi o Estado que me formou, foi o Estado que me fez fazer cursos no exterior e estar bem preparado”. E falou, falou, falou bem da formação dele, falou de tudo e eu ali, com meu diplominha primário, já estava, quase embaixo da mesa. E aí, ele falou assim para mim: “Presidente, o mercado não vai gostar do senhor me tirar”. Eu falei, companheiro, olhe, eu lamento profundamente, mas eu resolvi tirá-lo da Agência. Eu tirei e tinha gente, meu caro Haroldo Lima, você que é hoje presidente da Agência, diretor geral da Agência, tinha gente que fala assim para mim: “Lula, o mercado não vai gostar mesmo”. Sabe o que aconteceu? Nada! A Petrobras cresceu. A Petrobras investiu mais.

Quando eu fui indicar este moço aqui, para diretor financeiro da Petrobras, tinha um outro diretor financeiro, e outra vez, pela segunda vez, me disseram: “Você vai indicar um cara da Bahia, um doutor em Economia da Bahia, que não é do ramo da Petrobras?” - foi isso, Rossetto, que eu ouvi - “para ser diretor financeiro da Petrobras? O mercado não vai gostar”. Conclusão: eu indiquei esse moço para ser o diretor financeiro da Petrobras. No segundo ano em que ele era diretor financeiro, o mercado o elegeu como o melhor diretor financeiro de todas as indústrias de petróleo do mundo.

Tem várias outras histórias que eu não vou contar. É só para dizer para vocês, que era preciso desmistificar algumas coisas que foram colocadas na mesa de debate deste país. Houve um tempo em que eles diziam: “Tudo o que



é do Estado não presta. Tudo o que é privado é bom”. Não era nem verdade para o privado e nem verdade para o Estado. Nem tudo do privado é bom e nem tudo do Estado é ruim. Se a gente juntar o que é bom do privado com o que é bom do Estado, a gente faz uma parceria, e aí, é bom-bom do Brasil. Não é o bom-bom nem do privado, nem do Estado.

Pois bem, agora, na crise econômica mundial, na crise econômica mundial, quando teve a crise do *subprime* nos Estados Unidos, que é a crise imobiliária, que pegou os Estados Unidos e a Europa, qual foi o país que se saiu melhor? Foi o Brasil. Sabe por quê? Por causa do Estado, porque a gente tinha... No Brasil, a gente tinha BNDES, a gente tinha Caixa Econômica Federal. E foram esses bancos públicos que salvaram o crédito, neste país, quando o setor privado estava com medo do terrorismo causado no mundo inteiro.

Pois bem, nós sobrevivemos, sobrevivemos. Quando eu disse que era uma “marolinha”, eu fui achincalhado, e foi uma marolinha. Se a indústria automobilística brasileira não tivesse tido o medo que teve, no mês de novembro e dezembro, a gente não precisaria ter o desemprego que nós tivemos. Mas nós, já em fevereiro, voltamos a bater recorde de produção de automóveis neste país. E, portanto, este ano, nós estamos com a inflação baixa, estamos crescendo a mais de 7%, vamos gerar mais de 2 milhões de empregos, somente este ano, vamos terminar o mandato com 15 milhões de empregos gerados, com carteira profissional assinada, neste país. E com a inauguração do Cenpes, que vai poder dizer: “Nunca antes, na história deste país, alguém sonhou que a Petrobras poderia ter o maior centro de pesquisa do hemisfério sul e um dos maiores do mundo”, como ninguém nunca sonhou com muita coisa neste país, porque a elite que dirigia este país, ela não sonhava, ela tinha pesadelo, ela era subordinada ao FMI, ela era subordinada a tantas outras coisas.

Governante, governante que não sonha não transmite esperança.



Governante que governa apenas com pragmatismo da cabeça, e não com o sentimento do coração, governante que só olha números estatísticos e que não percebe que por detrás de cada número tem uma mulher, um homem, uma criança, um aposentado, tem um ser humano, o governante que não enxerga isso, não está preparado para governar este país.

Por isso, companheiros e companheiras, é com muito orgulho, é com muito orgulho que, se a Petrobras, um dia, permitisse, eu só ia andar no mundo assim, com essa camisa da Petrobras, essa amarela, que ela, primeiro, ia confundir que eu fosse da Seleção Brasileira, segundo, ia ver, lá, o nome do Brasil, eu ia dizer: “Sabe de onde eu sou? Da Petrobras”. Agora, eu chego aqui e dou uma de doutor.

Imagina... não sei se a Marisa está vendo na TV, lá. Está vendo, Stuckinha? Eu, aqui, de avental, e ela está pensando: “Se o meu baianinho fosse doutor, que bom seria, que bom seria. Mas mesmo ele não sendo, eu gosto dele”. Porque o que é importante não é se a gente é ou não é doutor. O que é importante é se a gente tem compromisso ou não tem compromisso, se a gente gosta deste país ou não gosta deste país, se a gente tem autoestima ou não tem autoestima, e se a gente quer ver a sociedade brasileira crescer ou se a gente quer ver ela ser tratada como se fosse de segunda categoria.

Portanto, Petrobras, eu tenho orgulho de ser Petrobras, eu tenho orgulho de ser Cenpes, e tenho um profundo orgulho. Eu, apesar de oito anos de Presidência da República, eu ainda me emociono quando ouço o Hino Nacional Brasileiro, ainda. E é isso, é isso que nos faz ter autoestima: é a gente gostar, em primeiro lugar, de nós mesmos, é a gente gostar da nossa cidade, da nossa rua, do nosso vizinho, é a gente gostar do nosso país, é a gente gostar do nosso trabalho, é a gente fazer as coisas com prazer, com amor.

Eu cansei de ser tratado como se fosse de segunda classe ou vira-latas, não sou. Eu quero ser tratado, quero andar de cabeça erguida, quero respeitar e quero ser respeitado. E este país nunca mais vai baixar a cabeça para



ninguém, quem quer que seja.

Nós, nós aprendemos uma coisa na vida, nós aprendemos uma coisa na vida: nós aprendemos a andar de cabeça erguida neste país, aprendemos. E nós não queremos, nunca mais, que ninguém venha de fora para dizer o que a gente quer fazer. A gente está disposto a discutir com todo mundo, mas vir de fora dizer o que a gente tem que fazer, nós não queremos mais. Hoje, nós temos o que ensinar para eles, como é que eles devem fazer as coisas. Hoje nós temos, com muita humildade, que ensinar para eles.

Portanto, meus companheiros da Petrobras, meu companheiro diretor do Cenpes, meus companheiros trabalhadores da Petrobras, empresários aqui presentes, operários aqui presentes, meus companheiros, eu agradeço a Deus, porque ele foi muito generoso comigo e está sendo generoso, permitindo que eu governasse o Brasil e que terminasse o meu mandato numa relação carinhosa com o povo brasileiro, vendo, no olho de cada um de vocês, o prazer de ter conquistado um passo a mais na vida de vocês.

Parabéns e até, até a Petrobras se transformar na primeira empresa de petróleo do mundo. Um abraço.

(\$211A)